

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 51/53
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

do tempo
após o
dece que tr
na notad
al, C
de 19
de 19

Drummond

DF
LETRAS

ORA
faz dez anos...

A ousadia
que deu
bons frutos

DF Letras.

A N O S

**Pirajibana
enfeitiça telegrafista
de Salinas**

**A crítica e a crítica
dos "comunicólogos
de carteira"**

□ SALOMÃO SOUSA

Temos de assumir o mundo da visualização, sem que seja um universo só plástico, mas de signos lingüísticos. A poesia exige despojamento na página. Exige silêncios. Exige ritmo. A expressão poética atual tem de ser outra, sem a obrigatoriedade de ser nova a cada verso.



Fragments para uma poética atual

O levantamento da possibilidade de um *boom* na poesia brasileira, a partir do final de 1997, demonstra as deficiências da prática poética brasileira neste final de século. Pela estranheza entrevista nos suplementos literários, sobretudo paulistas, quando resenhado algum livro de poeta estreante e quando publicado algum poema de forma esparsa, fica claro que está faltando o norteamento de parâmetros poéticos.

Há excesso de cortes no cotidiano, sem bolinação na linguagem. E a frieza instala-se com homenagens familiares, luzes irregulares, casualidades amorosas. A vulva nunca foi tão mal amada e trivial. Até mesmo suplementos literários tradicionais - o caso mais explícito é o de Minas Gerais - tornaram-se insossos.

Mas insossa a poesia brasileira? Nem sempre efervescência ou vestimenta são sinais de existência vital. Nem tudo que vibra traz gozo. E só a vida sadia dá sabor. Nunca pude aprisionar em meu estômago um azul de arco-íris, mas muitas vezes mastiguei a íris dura da matrinxã. Até tentei, e o lírio era amargo.

Chegou-se a pregar a necessidade de um trovar claro. Se o problema da poesia fosse de clareza, tudo estaria resolvido: bastaria convocar os eletricitários, os incendiários, os pirotécnicos. O problema da poesia não é de pirotecnia.

O que se pode sentir a cada novo livro de poesia editado é uma falta de intimidade com a tradição da poesia mais autêntica. Não se tem mais noção de especialidade, pratica-se uma falsa sonoridade, e um excesso de preciosismo com o cotidiano. A impressão que se tem é que ao poeta atual faltou intensidade de vida durante a infância. Sem infância - impossível a manifestação da poesia. Até tentam, mas o soneto está sem pés nem cabeças para tê-los quebrados.

Procura-se ser novo a cada palavra, a cada verso, a cada poema, a cada livro. E se esquece que, antes de tudo, nada existe sem autenticidade. Não adianta um neologismo se ele não cabe numa situação vital ou deixa de gerar supremacia emocional para outrem. Não se faz novi-

dade só para o eu criador. A exigência de ser autêntico em cada expressão acaba com a expressão. Na moda, por exemplo: cada revista que tomamos para acompanhá-la traz uma maneira de expressão - quase nus, roupas de cascas, de peles, meio seio de fora, seio encoberto, tiras... E cada revista dirá que aquele estilo dominará determinado tempo. O poder econômico demoliu o estilo. Esquecemos que o que faz o estilo é uma determinada prática, seguida de um acatamento crítico, de um parâmetro de prática e de crítica. Não existirá uma moda de determinado estilo se ele não merecer adoção unânime. Em todos os segmentos, o excesso de autoria, ou de novidade requerida pela autoria, tem impedido o in/surgimento de estilos.

Ao querer apenas modernidade, a obra de arte acaba descaracterizada. Nem só modernidade faz a obra de arte feliz, e muito menos poesia. Daí, a urgência de convivência, intimidade com outras épocas. Nunca houve uma poesia, por exemplo, tão autêntica, quanto no classicismo.

Se esta é uma época de domínio da visualidade, que é a menor parte da poesia, razão maior ainda para a busca de convivência com épocas anteriores, onde foi maior o predomínio da expressão impressa ou oral.

Há muitas linguagens isoladas. Não existe uma diretriz e ninguém tem se preocupado em estabelecer uma. A obrigatoriedade de cada autor estabelecer uma poética, além de levá-lo a produzir, a produção passa a merecer objetividade. Talvez este tenha sido um dos males da poesia pós-moderna: os poetas acreditavam muito só na expressão, sem ter de ocorrer/correr atrás de alguns limites. A versificação acabou, mas em seu lugar não foi erigido nenhum rol de outras exigências poéticas. E, com isso, todo mundo se diz poeta. Temos de gritar novamente *a poesia é isso ou aquilo*, senão todos estarão ocupando nosso lugar de criador. E essas regras terão de trazer um pouco de dificuldade, senão todos continuarão sendo poetas.



A grande condensação da prática moderna da Poesia foi alcançada por Jorge de Lima, que acaba de ter a sua obra poética republicada em papel bíblia. E ele vai neste rumo: a rima não é algo explícito, as metáforas não necessitam de elementos de ligação como o *como*, chega mesmo a fazer um poema em "Invenção de Orfeu" só para ridicularizar o *como*.

O livro deve ser elaborado sem a exigência de ser autêntico em cada expressão, pois a obrigatoriedade de expressão não é expressão, mas aplicação de clichês. O ordenamento, em qualquer objeto, até mesmo na natureza, tem de ocorrer sem nenhuma forçosidade. Só aí soa a falsidade. E nada mais pedante que a falsidade na obra de arte, onde vemos que a palavra foi colocada ali só para provocar determinado efeito. Nada tem de ser feito para causar efeito, tem de ser feito de tal forma que teça um novo acontecimento.

O mal da poesia do tempo presente é precisar de conteúdo específico, onde ocorra até mesmo um excesso de teatralidade. Não precisamos mais de gritar nossa poesia na rua, concoferr com outros meios de comunicação, de divertimentos. Sequer o cinema consegue hoje ser só teatral. Ser só conteúdo crítico. Sequer a linguagem política está preocupada em resistir, muito menos a poesia deve estar preocupada com a mudança política. A sua ação: exteriorização do indivíduo, ordenamento de semas, de sementes, sêmen. O indivíduo está querendo ordem. Só a ordem gera beleza. Mas não queremos a pura beleza, há que encantar pela surpresa, pelo rictus do desnivelamento do banal, ordenamento da linguagem, de reencontro com elementos das sensações.

Temos de assumir o mundo da visualização, sem que seja um universo só plástico, mas de signos lingüísticos. A poesia exige despojamento na página. Exige silêncios. Exige ritmo.

Os poetas praticamente se desligaram do mundo e, assim, a linguagem tornou-se alienada. Dificilmente a poesia ocupará índice preponderante de leitura com o alienamento da linguagem. Mesmo que os poetas voltassem para os quatro elementos da natureza, insistissem em despojá-los em metáforas, retomassem a lua, a via-láctea, nem isso traria a poesia de volta para a rua. Os mitos agora são outros - o automóvel, o sanduíche ... A natureza, enquanto quatro elementos, não existe mais. Depois que o homem descobriu as maneiras de condensar, dobrar, ensacar, o fogo, o ar, a terra, a água perderam a capacidade de respirar metáforas. Passaram a respirar produtos carregados de valor monetário.

Fica aí a ponta do *iceberg*. Cabe aos criadores a reformulação das expressões. A expressão poética atual tem de ser outra, sem a obrigatoriedade de ser nova a cada verso.